

ALFAGUARA



Lara Moreno

Antes que a luz se apague

Tradução de Margarida Amado Acosta



Trouxemos cinquenta livros, todos por ler. Apenas um quarto de toda a roupa que tínhamos, incluindo, nesse quarto, a de inverno, verão e meia-estação. Os únicos remédios que nos acompanham são os adesivos contraceptivos da Nadia, que dão para seis meses. Depois não haverá mais.

Tenho a certeza de que escondeu algures no meio da nossa bagagem recursos de emergência: antibióticos, anti-histamínicos, analgésicos e corticoides. Tenho a certeza, embora, quando esteve doente, não tenha aberto a boca para mos pedir nem os procurou. Pensei nas suas dores do período quando fizemos a lista do que teríamos de trazer connosco, mas ela abanou a cabeça com força, foi inflexível: se é mesmo para irmos embora, temos de assumir todas as consequências, havemos de encontrar remédios. Supusemos que aqui haveria maneiras de nos abastecermos. Usa um copo menstrual e, por isso, não precisámos de trazer um carregamento de tampões e de pensos. Os mistérios da vagina são insondáveis.

A Nadia foi taxativa: renunciar é renunciar. Essa teoria é minha. Quando a Nadia pronuncia estas palavras, intuo no seu tom de voz algo semelhante à ironia, como se estivesse a pôr-me à prova ou a vingar-se de mim, atirando-me à cara as minhas próprias ideias. Mas o certo é que está aqui comigo. Embora tenha escondido algures nesta casa

uma bolsa azul de plástico com fecho-éclair com alguns medicamentos de emergência.

É curioso, quem diria que o primeiro contacto da Nadia com as pessoas de cá fossem as mãos de uma velha que a besuntou com remédios caseiros. Olhava para ela com ar cobiçoso, zangado, o meu corpo ficou tenso quando a vi despir-lhe a roupa, mas depois sosseguei, havia qualquer coisa de pose e de instinto nos seus movimentos, e consegui reconhecer entre os seus gestos a maternidade. O pano cinzento e molhado passava pela testa da Nadia como pela de uma criança.

Trouxemos telas em branco e uma caixa de tintas. Os meus binóculos. Eu também tenho os meus atrevimentos: trouxe comigo um reprodutor de mp3 e, o que ainda é mais absurdo, uma pequena câmara fotográfica digital. Sem um portátil, não poderei carregar a bateria do mp3 e não poderei reproduzir as fotografias a não ser no minúsculo ecrã da câmara. Antes de nos mudarmos para cá, a Nadia fez uma seleção bastante reduzida de fotografias. Fotos antigas, da sua infância, de pessoas que já estão mortas, e outras mais atuais do nosso dia a dia e dos nossos amigos, e também da época em que nos conhecemos. No dia antes de partirmos, disse-me que deixaria lá o álbum de fotografias. Foi como quando decidiu não trazer nenhum quadro dela, ou quando percebemos que seria escusado transportar os nossos utilíssimos computadores para este lugar. Era como estar de luto. Disfarcei, mas fiz o que quis em relação às fotografias. Quando ela não estava a olhar para mim, enfiei o álbum dentro do mesmo saco onde guardo a câmara e a música. Nunca se sabe. O objeto que veio connosco e que mais me diverte é uma velha máquina de escrever. Num impulso ou talvez movida pelo

histerismo, a Nadia saiu de casa para percorrer a cidade a pé, enquanto eu tratava dos cancelamentos e de embalar as coisas, e regressou com ela nos braços, guardada dentro de uma mala rígida de pele. As teclas de plástico brilhavam. Encontrara-a numa loja do extremo oposto da cidade. Não só trazia a máquina, como rolos de tinta sobressalentes, algo que já não se fabrica sei lá há quanto tempo. Foi adorávelvê-la chegar com o cabelo castanho colado na testa e o chapéu enfiado até às orelhas macias enfeitadas com vários brincos. Agora não usa nenhum, só se veem os furos. Tirei-lhe a máquina dos braços enquanto ela me explicava que, se as coisas começassem a correr mal, aquilo podia ser o nosso futuro. Envolvi as suas mãos húmidas nas minhas e atraí-a para mim. A máquina devia ser, no mínimo, de 1970, e estava intacta e funcionava. Então perguntei-lhe se a tinha experimentado, e ela tirou um papel dobrado em quatro do bolso do blusão e passou-mo. No papel havia algo escrito realmente sem pensar:

não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz
apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se
não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz
apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se
não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz
apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se
não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz
apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se
não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz
apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se
não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz
apagar-se não vá a luz apagar-se não vá a luz apagar-se

Abraçaram-se na casa fria assim que entraram. Não tinham tomado a decisão de um dia para o outro, viver lá implicava estarem juntos apesar de tudo, sem desculpas de nenhum tipo. Mas a sensação de aventura não embriagava o caminho ou o encontro com aquele edifício retangular, porque ambos tinham percorrido a terra que os separava da sua antiga cidade com a certeza de que um lugar como aquele, ou semelhante, era a única opção que lhes restava. Levaram as coisas para dentro de casa, deixaram-nas no chão da sala e procuraram a cama. Esperava-os um colchão despido, e ela rebuscou a bagagem à procura de uns lençóis para o cobrirem e qualquer coisa que servisse de agasalho. Sob o cobertor, vestidos, aproximaram-se um do outro, pondo-se de perfil e com os narizes colados para não olharem para o teto alto do quarto. Era tarde, não tinham sono, mas sentiam um peso dentro do corpo, uma hesitação, medo ou expectativa conforme a postura. Claro que não fizeram amor, os soluços dela foram-se suavizando e ele encontraria calor num ressonar fraco. Não jantaram. A cada um deles os olhos do outro pareciam famintos. Preferiram fechá-los.

Chamo-me Nadia. Tenho de recordar o meu nome neste lugar, de repeti-lo a mim mesma sempre que me levanto, sempre demasiado tarde. Quando abro os olhos, o corpo dele já não está ao meu lado na cama, mas, mesmo que estivesse, sentiria de forma idêntica esta planície. É como se já tivesse acabado tudo. Na cidade calculámos que isto poderia suceder e, apesar de estar prevenida, vim-me abaixo. Analisei as consequências, eram horríveis. Imagino sempre o pior, que as coisas, naturalmente, descambam para o lado mau. Ele ainda não começou a dizer-me as frases que guarda para mim, sabes que está tudo bem, vais sair dessa tua casca feita de remelas e uma camada de gelo, dá-me os parabéns por termos arranjado uma solução maravilhosa. Antes de eu acabar de desembaraçar as minhas membranas do pânico, já ele terá feito amigos e descoberto que a paisagem que observamos da janela é digna de ser fotografada ou pintada. Mas esperará por mim para escolher o enquadramento ou molhar os pincéis.

Tenho de ser forte, lembrar-me do meu nome é o principal, agora que tenho de voltar a integrar-me. Chamo-me Nadia. No início, pensei que estariam à nossa espera na entrada, esses seres alheios a tudo, arcanos, desconfiados e mortinhos por farejar-nos, como se vê nos documentários, crianças nuas e mulheres de peitos descaídos a enfiar-me

os dedos nos ouvidos, ou então que nos assassinariam na primeira noite, quando já estivéssemos a dormir, tipo Ku Klux Klan, ia tendo estes pensamentos conforme nos íamos aproximando. Mas não só ninguém queria saber de nós, como ainda não vimos nenhum deles passados estes dias. Perguntei-lhe se não nos teriam enganado, volto a repetir-lhe que devíamos ter vindo primeiro inspecionar o lugar e os seus habitantes, e ele olha para mim sem precisar de dizer que não era necessário. Mas depois tem a coragem de rir-se de mim e garante-me que, embora eu não queira dar um passeio, se o fizesse perceberia que há muita vida por aqui. Só que estamos longe do povoado, diz. Diz-me que me vista para irmos dar uma volta. Em breve deixará de dar-me tréguas e terei de tomar um duche e de converter o meu cabelo numa capa sedosa e arranjada que brilhará ao sol quando nos afastarmos de casa pelo caminho que vai dar às edificações que se veem ao longe.

A comida começa a escassear. Está imenso frio. Enquanto me mantendo por aqui, abrindo os olhos no fim da manhã com os músculos contraídos e passando o tempo a sofrer ou ciente de que tenho de deixar de sofrer, sinto que ainda não chegámos, que estamos de férias, que não me despedi de todos e aceitei a proposta de repovoar este lugar vazio. Ele sabe que eu teria preferido aguentar lá até ao fim e tenta alimentar cada resíduo de energia das minhas células. Foi por isso que me trouxe para cá, por estar convencido de que a vida pode começar de novo.

Engolida por esta casa, não posso evitar recordar, antes de enfrentar o que está lá fora, que quilómetros de fumo se elevam no céu devido a um processo de atividade incessante, que milhões de quilos de carne humana se esfregam umas nas outras à procura de prazer ou de piolhos,

que as massas de ar chocam e se transformam, que uma luz exterminadora esmaga o suor de mil corpos deitados em mil margens, e depois o que é pequeno e satisfatório, onde tudo funciona: elevador, campainha, convidados, jantar com os amigos, polémicas, elogios, punhaladas, menu por encomenda, digestão pesada, má escolha musical, piadas sobre a questão das drogas, as reuniões pré-fabricadas do bem-estar: a normalidade não era isso? Podia ter continuado assim até ao fim, acho que nem sequer chegaria a vê-lo. Mas a inconsciência não tem nada que ver com a coragem.

Ouço pássaros e o vento a meter-se entre os ramos das árvores. Há dois caminhos, um que liga a estrada diretamente a esta casa e outro que se afasta pelas traseiras até à aldeia. Disseram-nos que é uma aldeia, e ele está convencido de que é, porque trouxe os binóculos e de vez em quando usa-os para a observar das janelas, e chega mesmo a sair de casa com eles. Se alguém o vir, vai pensar que é maluco. Um tipo de binóculos a espiar as casas deles. Não me importo com o que pensam, ainda. Quando me levantar desta cama e reunir a coragem necessária para começar a desempacotar as nossas coisas, e também quando decidir remodelar este espaço, terei de lá ir buscar algo mais que comida. Tintas, por exemplo. Teria de pintar. Nessa altura, sim, importar-me-ei com o que eles pensarem, porque preciso de ser compreendida e, sobretudo, preciso que falem comigo. É impossível que me admirem. Sei que o que trouxe de mim mesma é um pano branco apenas manchado por alguns, poucos, símbolos. Acabou-se o reconhecimento. Ele repetiu-me isto muitas vezes, terei de esquecer a arte conhecida para encontrar a arte verdadeira, aquela que não precisa de público.

Acho que são duas da tarde, ouço barulho na cozinha. Para saber exatamente o que está a cozinar ao lume, só teria de virar-me na cama e olhar. O quarto não tem porta, dá diretamente para a enorme sala que também é a cozinha a entrada o estúdio e tudo, será tudo ou, pelo menos, é o que ele diz sempre que a noite cai e a observa, quando ainda parece maior. Não me viro, não olho. Está qualquer coisa ao lume e de certeza que é uma tortilha, outra vez. Vai trazer-ma num prato com duas fatias de pão de forma, e na outra mão um copo de água fria. A água sai muito fria da torneira. Sentar-se-á ao meu lado e tentará fazer com que eu coma, primeiro com boas palavras, depois com carícias. Quando sentir que a impaciência dele está prestes a manifestar-se, provocando em mim uma desídia insuportável, abrirei a boca e deixarei que enfie dentro dela os bocados amarelos espetados na ponta do garfo. Mastigarei.

Ela ainda não disse: Martín, quero voltar para casa. Talvez tenhamos sorte e ela não o diga nunca. Seria uma verdadeira bênção para ambos. Este lugar é lindo. Tento disfarçar o meu entusiasmo e a minha impaciência por sair, explorar, ir à aldeia e apresentar-me e ver como é que tudo funciona neste lugar. Onde se pode comer, beber e arranjar ferramentas. Ainda não é o momento certo. Se não a acompanhar agora, se não tratar dela como se estivesse doente, ainda demorará mais a sair da cama. Eu conheço-a. Seja como for, é forte e depressa será ela a guiar-me de novo. Mas se não a cuidar, talvez se vá abaixo a sério. Não está assim tão mal, já estava à espera disto. Na verdade, fui eu que a convenci em relação a tudo, e embora nos últimos meses não tenha adivinhado nela, em momento algum, uma só ponta de desconfiança ou arrependimento, e ela falasse do assunto com entusiasmo, por vezes até de maneira frenética, sei que não é fácil. Tudo são amarras para a Nadia. Lá tem tudo o que lhe faz falta, o suficiente para não se querer ir embora, mas está aqui, ao meu lado, deitada numa cama, encolhida, com o cabelo sujo e olheiras, a cheirar a depressão. Sinto-a esquelética quando lhe toco. Está feia. E, no entanto, aos poucos vejo-a renascer, levantar-se-á e virá para os meus braços e percorreremos juntos o caminho que nos leva até às outras casas. Já não aguento mais. Quero sair. Vamos lá para fora, Nadia, hoje

está calor, vi um esquilo. Mas não lhe digo nada. Espero. Talvez amanhã. Além do mais, não vi esquilo nenhum e lá fora está um frio de rachar.

Agora que já cá chegámos, nem sequer penso no motivo de termos vindo para cá. Durante muito tempo, vivi obcecado com esta ideia, com uma solução ou precisamente o contrário, ela disse-me tantas vezes que sou paranoico, louco, que acabei por acreditar nisso. Não sou um guerrilheiro, o meu empenho foi teórico e vertical. Lutar nas trincheiras, no meio daquilo tudo, era demasiado difícil para mim, que à partida sou um cobarde. Mas enquanto percorríamos de carro o caminho, mais comprido do que eu esperava, e quando, finalmente, consegui divisar a casa ao fundo, foi como se a minha cabeça desanuvisse.

De certeza que são alucinações causadas pela novidade, pela excitação da fuga, mas quando caio na cama, enquanto me deixo envolver pelo calor desprendido pela pele da Nadia e pelos seus queixumes, penso que talvez consiga esquecer-me de tudo. É nessa altura que o meu coração bate com mais força, quando chego à improvável conclusão de que a ideia é tão acertada, tão poderosa, que daqui a algum tempo já nem sequer saberemos por que razão estamos cá, simplesmente estaremos cá e pronto. Isso far-me-ia muito feliz. Neste momento, no começo, todas as hipóteses são boas. Ela está num ponto radicalmente oposto ao meu, mas isso também não é novidade nenhuma.

Lá fora há animais selvagens. Não vi nenhum esquilo, mas à volta da casa, todas as manhãs, aparecem novos montes de terra remexida: toupeiras, ratos-do-campo, ratazanas, o que quer que sejam. Sou como uma criança

a imaginar os focinhos deles a aparecer. No primeiro dia, com os binóculos, consegui ver uma águia a sobrevoar os montes. É um autêntico acontecimento para mim. Passei o resto da manhã à procura de aves do mesmo tamanho no céu, mas não vi mais nenhuma. Háo de voltar. Preciso que a Nadia se recomponha para construirmos alguma coisa juntos, algo novo. Não me ocorre nada mais reparador para um casal. Mas embora espere com paciência que ela lave a cara e saia, já começo a saborear uma inquietação: talvez eu possa ir sozinho à aldeia. Resta-nos pouca comida, e também há a questão do aquecimento. Todas as manhãs sorrio ao ouvir o gás a sair pelos bicos do fogão, mas esta bilha não durará para sempre. Se a Nadia demorar a levantar-se, terei de lá ir sozinho. E isso enche-me de felicidade.

Agora está a gemer. Não se atreve a chamar-me, pronunciar o meu nome seria um sinal de recuperação. Hoje tem febre. Enganei-me nas minhas previsões. Tem a cara a arder, não abre os olhos. Nada do que lá deixei me importa. Espero ter trazido o que é verdadeiramente essencial.

Nenhum dos dois se acostuma ao lugar porque não sabem onde estão. Ela, numa cama dentro de um quarto de tetos altos e paredes caiadas descascadas; ele, no futuro. Vinda do monte de casas do fundo, começa a aproximar-se uma figura. Um homem. Alto, não demasiado corpulento. Anda a ritmo de passeio, mas dirige-se para a casa, escolhendo sempre o caminho de terra para avançar. Vai chegando pouco a pouco, e Martín vigia-o com os binóculos da janela. A meio do percurso, começa a distinguir-lhe o rosto, já lhe estudou as feições. Efetivamente, vem ter com eles. Martín não diz nada, não avisa Nadia de que têm visitas. Baixa os binóculos quando o outro está perto, observando a casa como se nunca a tivesse visto. O homem olha para o carro, para o pequeno saco do lixo que está ao pé da porta. Um segundo antes de ele bater na porta com os nós dos dedos, Martín diz a Nadia temos visitas, e depois abre, ainda com os binóculos pendurados ao pescoço.

O homem não entra, do limiar da porta estende a mão a Martín, que a aperta com demasiada força. O homem não é corpulento, mas a mão é gigantesca e está quente, passa uma sensação de sopa. Foi ver como estão, se precisam de alguma coisa, sabe que já lá estão há uns dias e pareceu-lhe estranho que ainda não tivessem ido à aldeia, será que não precisam de alguma coisa, repete, enquanto

Martín olha para ele com ar aparvalhado, prestes a pegar de novo nos binóculos para esquadrinhar as córneas do homem a três palmos de distância. Temos de ser hospitaleiros, diz o homem, e então, finalmente, Martín reage e convida-o a entrar. Não sabe o que revelar-lhe de si mesmo, vai até ao lava-louça e pega num copo acabado de lavar, enche-o com água da torneira e oferece-o ao estranho. Obrigado, não tenho sede, mas não vou recusar a oferta, e bebe-a de um trago.

O vulto na cama mexe-se bruscamente, com um espasmo, e ambos olham na sua direção. Martín pede desculpa e explica que ela está há dois dias com febre. E só então se dá conta de que a mulher estava há dois dias com febre naquela casa fria, demasiado fria, enquanto ele esperava que passasse por estar convencido de que a culpa era da viagem, e da mudança, e do medo por estarem num novo lugar a viver uma nova vida, mas de repente sente que é intolerável, que não lhe passou pela cabeça mandar chamar um médico, que se limitou a acariciá-la e a ter paciência e a dar-lhe leite quente e tortilha e as laranjas que trouxeram cortadas em pedaços pequenos e regadas com mel, primeiro um e depois outro, o garfo abrindo passagem com cuidado entre os lábios ressequidos dela, macilenta, feia, talvez este homem consiga sentir o cheiro metálico que desprende, mesmo que só abra a boca para deixar que a ponta do garfo lhe roce a língua. Quando conta isto tudo ao homem, Martín deixa de ser um rapaz que se entretém a espiar pelas janelas e a congratular-se a si próprio por ter tido a ideia genial de fugir, e passa a ser um homem nervoso e estupefacto que se engasga ao falar. Mas o estranho vai até ao quarto, aproxima-se da cama, dobra um pouco o corpo para observar de perto o rosto

de Nadia, enrugado pela febre, e depois abana a cabeça várias vezes antes de sorrir com uma boca gigantesca de lábios finos, não te preocupes, vou buscar uma pessoa que a fará sentir-se melhor e depois ajudo-te a aqueceres esta casa, está fria que se farta, e a seguir vou buscar a Elena, ela saberá o que fazer, mas, sobretudo, rapaz, não tenhas medo. Também diz que se chama Enrique. Os binóculos pendem no pescoço de Martín até ao umbigo como um troféu de plástico. Agarra o frio metal que os reveste como quem se aferra, de repente, a uma arma, a uma espingarda que o fizesse sentir-se seguro. Enquanto Enrique atravessa a sala, olha para ele e sussurra obrigado, obrigado, ainda bem que cá veio, não queria deixá-la sozinha e pensava que não era grave. Enrique já está de saída e dá uma gargalhada, não é grave, rapaz, já te disse. Enquanto se afasta pelo caminho, Martín observa-o a caminhar a passos largos e diz em voz alta, ressentido, não tenho medo porque acredito na humanidade enquanto família esquizofrénica, mas ele já não o consegue ouvir. E, então, fecha a porta.

Deitado em cima da cama, de sapatos, abraça o corpo de Nadia, tão pequeno por causa da febre, e mergulha o nariz no cabelo sujo. Ela continua a tiritar e parece que acabaram de chegar, os dois apertados na cama, mas agora é de dia e ela arde a trinta e nove graus, e Martín cobre-a com os braços como se fosse um pano húmido e ambos mantêm os olhos abertos.

Num lugar quase deserto, que subverte as regras do tempo, são muitas as perguntas e poucas as respostas quanto ao sentido da vida. Tudo parece afunilar para a desistência, mas a esperança regressa quando surge uma criança que lança perguntas ao mundo.

«O que eu não sabia quando construí aquele relicário era que o passado dói, dá cabo de nós, envergonha-nos, cheira mal. E que é por essa razão que vamos adiando o momento em que lidaremos com elas, com as caixas que contêm os nossos pequenos passos importantes, ridículos, repetidos até à saciedade, tanto e de tão múltiplas formas, que os primeiros se vão desvanecendo, desfazendo como corpos enterrados. O que resta é a tortura do que fomos e já não somos, ou, pior ainda, do que somos agora e não éramos dantes.»

Um jovem casal em crise abandona a cidade onde vive e parte para uma aldeia remota no interior de Espanha, em busca de uma vida mais simples e despojada. O que vêem é isto: uns quantos casinhotos e hortas, e um punhado de homens e mulheres empedernidos, que falam o mínimo. O que não querem ver são os seus próprios demónios, vazios e abismos, que ameaçam fazer ruir o que os levou até ali.

Até ao dia em que uma mulher aparece acompanhada de uma menina, filha de todos e de ninguém, e vem mostrar que, enquanto houver uma criança a fazer perguntas ao mundo, a vida existe, tal como há luz enquanto o pavio da vela arder.

Polifônico e sombrio, eis um romance que mergulha nos abismos mais fundos, onde a falta de luz é sempre a maior ameaça.



«Uma das mais destacadas escritoras da sua geração.»

El País

«Moreno escreve com a austeridade de um relojoeiro.»

El Cultural de El Mundo

«A escrita de Lara Moreno mergulha nos abismos da realidade. Lida magistralmente com a inquietação, o desespero, a estranheza e o medo. Uma voz bela e poderosa.»

ROSA MONTERO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[alfaguaraeditora](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-430-7



9 789895 894307